

A DIFÍCIL OPÇÃO DE SER UMA PROFESSORA MARGINAL

MÔNICA PARANHOS COELHO

Graduada em Educação Física - UERJ

Professora da SEEDUC/RJ e SME/RJ

Mestranda em Educação - UFF



Professora Marginal em ação

O termo Marginal na sua concepção mais popular e usual, está ligada à delinquência, ao contraventor, ao fora da lei, ao que rouba, ao que mata e ao que estrupa. Mas existe uma ambiguidade nesse termo. Se pensarmos um pouco mais, o cangaceiro também é marginal, o ribeirinho também é marginal, o malandro do samba também é

marginal. Todos àqueles que vivem à margem das grandes cidades, à margem da cultura elitista, à margem do poder, é marginal, nós somos marginais, o povo é marginal, sei que existe o estranhamento, ninguém gosta desse termo. Mas é válido quando utilizamos esse termo para caracterizar algum tipo de resistência ou de manifestação. A cultura que predomina nas escolas, na sociedade, é a cultura reprodutora do saber dominante, denuncia Bourdieu. Adentrando apenas às camadas mais abastadas, àqueles pouquíssimos que, por razões adversas, possuem neles um *capital cultural*, conseguindo às penas duras, infiltrar nessa sociedade elitista, ou seja, se tornando mais um peão desse jogo social, desse *campo*. Chegando a este patamar não se reconhecem marginais e sim como parte do centro, parte do jogo, esquecendo suas raízes, suas lutas, muda o *habitus*. Confesso, aconteceu comigo, nascida e criada em Vigário Geral, filha de comerciante local e mercê de um sistema patriarcado, estudante de escola pública que se encontrava dentro de um sistema ditatorial. Tive a petulância de adentrar em 93 em duas universidades públicas, primeiro na Uni Rio – Curso de Direito, desisti, aprendi cedo que nossa justiça é injusta e, depois na UERJ, na terceira e última reclassificação, estava meu nome no jornal dos Esportes, só eu fui convocada. Então fui para o Instituto de Educação Física e Desportos, sem nenhuma bagagem esportiva, somente pela lembrança de gostar das aulas de Educação Física, pela lembrança de como ficava feliz naquelas aulas, jogando ou brincando e não trabalhando... Lembranças de uma criança trabalhadora.

Sempre almejei sair dessa pressão, dessa responsabilidade administrativa, contabilística, sou formada pela Escola Técnica Estadual Juscelino Kubistchek localizada em Jardim América como Técnica em Administração. Quando vi a oportunidade de sair daquela rotina, do armarinho, não pensei duas vezes, entrei de cabeça na Educação Física. De cara, o estranhamento da turma, suburbana fronteira com a baixada, chego como rotulada de “A Última”, ainda somando com o fato de não ter histórico esportivo, todos os 24 alunos eram ou foram atletas. Iniciei o curso no segundo semestre de 93 e, em 94 aconteceu a chacina de Vigário Geral, me chamavam de sobrevivente, de vigarista. Tentava levar na brincadeira, mas de fato, me incomodava e, quanto mais eles zombavam, mais enfiava a cara nos estudos, tornei bolsista da UERJ, deu-se início à minha carreira. Comecei antes mesmo de me formar, trabalhei como Instrutora de Educação Física em escola particular, como estagiária em vários projetos da Prefeitura do Rio até me chamarem para coordenar projetos especiais da Prefeitura e Estado do RJ. Durante esse período e já formada, tornei Professora do Estado e Município do RJ e depois de uns 3

anos, adormeci, entrei num sono profundo durante 13 anos. Por mais ativista educacional que eu achava que fosse, não fazia algo realmente revolucionário, reproduzi justo aquilo que o sistema “pedia”, era revolucionária no que tangia à categoria de professora reprodutora, e não como professora marginal. Uma professora que atuasse com os alunos em busca de uma sociedade mais igualitária, mais humana, mais democrática.

Muito reflexiva depois de 2013 com os acontecimentos das ocupações das escolas em Caxias, sobre as minorias sociais, sobre a nossa fraca democracia, questionamentos feitos por alunos a respeito do meu boné e, do porquê de não haver casal gay na quadrilha junina. Estas foram as reais causas das quais me levaram ao mestrado. Antes não via motivo em fazer, não era algo que eu achava importante. Afinal, estava muito bem acomodada com duas matrículas, empreendedora, casada, dois filhos pequenos, adormeci durante 13 anos. Para minha sorte, o ser muda constantemente, com a problemática que vivemos atualmente, com a nossa fraca democracia e, os questionamentos desses meus alunos sobre porque eu podia usar o boné e eles não, porque não pode casal gay na festa junina. Veio a minha memória, a história de luta perante meu pai, quando eu fazia perguntas do tipo: Porque os homens podiam fazer isso ou aquilo e as mulheres não? E a cada pergunta que fazia era um tapa na cara que eu tomava. Deu-se o início ao divisor de águas da minha vida. A marginal acordou do seu sono profundo...

Foi como um tapa na cara sem mão que levei desses alunos e, desde então me dedico a este grupo marginalizado da escola da qual trabalho, o grupo dos skatistas, dos grafiteiros, dos rappers, dos homossexuais, dos excluídos da escola. Enterrei a postura de professora reprodutora e, metaforicamente, ressurto das cinzas, como a Fênix. Renasce a marginal, agora, professora marginal, dessa marginal do povo que sempre fui e serei, mas que não queria aceitar. Angustuada e desesperada pelo tempo perdido, não sabia que rumo tomar, pensei numa direção ou num mestrado, dando tiro para todo lado, como uma marginal desesperada para não morrer, sem deixar antes, algo dela, algo de reflexão à sociedade, uma marca, como fazem os pixadores. Dos tiros que dei acertei o mestrado e, digo que aqui me encontrei, agora vi que minha existência tem sentido, descobri que nos meus pensamentos e nas minhas falas outras pessoas passaram por elas, como Freire, Certeau, Bourdieu, Heidegger, Boaventura, e tantos outros que estão me ajudando a construir essa pesquisa em compreender com os jovens a Cultura Marginal de Duque de Caxias, mais precisamente do bairro Jardim Primavera.

Preciso salientar que não foi fácil o primeiro semestre, pois tive que abrir mão de muita coisa, além da dificuldade de ler devido à dislexia. Gravando todas as aulas e escrevendo apenas no computador, pois minhas ideias mudam tanto que fico com dor de cabeça e não consigo passar para o papel, são muitas rasuras, setas, meus pensamentos criam movimentos na folha ninguém entende, nem eu, esqueço que falei e pensei, como minha vida melhorou depois da internet.

O primeiro semestre foi uma (re) descoberta, digo por que agia, mas não tinha ciência da teoria. Apesar de ser professora, a minha licenciatura foi muito fraca, autores como Paulo Freire, ícone da Educação Brasileira, foi mencionado algumas vezes muito superficialmente e, nas escolas como disse anteriormente, fazia o papel de professora reprodutora segundo Bourdieu. Como disse, os jovens despertaram a marginal que estava adormecida e, que agora a mesma adentrava no mestrado, com um projeto visionário, mas perigoso aos olhos do poder, justo pela intenção de promover essa cultura marginal em sua escola, trabalhando nas tensões entre docentes e discentes, colocando em pauta questionamentos acerca do assunto como criticidade, criatividade, independência, autonomia e liberdade. Um projeto que não tem a intenção de anular a cultura reprodutora, até porque não teria como, mas sim penetrar nela, trabalhar dentro do campo do poder. Como um marginal que entra na sua casa, disfarçado, mascarando a sua real intenção, cujo objetivo, no qual é livrar nossos jovens desse sistema opressor, apresentando outras perspectivas como diz Heidegger, outras possibilidades do seu ser nessa existência terrena.

Quando tento implantar com os jovens, trabalhos, projetos com eles, para eles e à comunidade. Me sinto marginalizada pelo sistema, afinal nasci marginal, reneguei por um tempo minhas raízes, mas escolhi voltar a ser. A opção também traz vantagens, você é livre, você não se sente obrigada a fazer nada que te contrarie, mas é um preço alto a se pagar. Freire já dizia que a prática deve ser igual ao discurso daquele que está por trás dele. Fiquei no discurso durante 13 anos, agora estou praticando. E nessa minha nova opção de ser professora marginal, conflitos surgem, aliados também, e assim me vou nessa nova jornada, mais determinada do que nunca para enfrentar as mazelas da vida, com o objetivo de que minha existência não terá sido em vão. Não procuro o confronto como um marginal de fronteira, como um cangaceiro defendendo seu território, minhas ações estão mais para o entendimento entre as partes, através da observação, da análise, da compreensão, e com um toque de ousadia, de astúcia, me utilizo das táticas de Certeau,

para tentar como todo marginal, se desvencilha do sistema. Implantar essas ações que polvilham minha mente, a cada expressão no olhar de um aluno, uma fala, um traje de roupa, uma ação corporal e tantas outras imagens e sons, fazem fervilhar a minha cabeça de ideias e ações, mas ao mesmo tempo que tento implantá-las, o sistema tenta impedir.

E como marginal vou transgredindo o sistema, não seguindo padrões estéticos e nem éticos, para se posicionar contra algo que acredita é preciso se impor. E ao primeiro obstáculo, foi mais ou menos isso que aconteceu. Afinal o que é ser ético? Também existe uma ambiguidade nesse termo, pois se defendo a cultura dos oprimidos, dos excluídos, dos marginalizados, não posso estar de acordo com a ética que nos é passada dentro das escolas, partindo do princípio que todos esses valores morais foram construídos pelo saber da classe dominante opressora, cuja suas ações estão deteriorando com o nosso povo e com a nossa nação.

Dentro de várias ações que já fizemos na escola, a primeira delas após o meu acordar em 2013, foi com meus alunos sobre o uso do boné na escola e de skate nas minhas aulas, em 2014, depois de algumas reuniões, conflitos e entendimentos, o turno da tarde foi o único que deixaram passar o uso do boné e do skate, porque a inspetora da manhã, não concorda com o uso. Uma forma que encontrei para protestar pacificamente, está sendo em utilizar o boné nas aulas da manhã, junto agora com a calça rasgada, pois fiquei ciente de que a inspetora da manhã, não deixa ninguém entrar com a calça rasgada, mesmo quando o aluno vem de tão longe. Interessante neste episódio, é que depois da minha atitude, houve questionamento por parte dela acerca da minha manifestação, expliquei os motivos de achar que boné, skate e calça rasgada não são uma espécie de falta de respeito, fazem parte da cultura deles, da sua expressão corporal. Depois disso, percebi no turno da manhã, algumas calças rasgadas... persistir sempre!

A segunda delas foi a Festa Junina LGBT do colégio em 2016, essa ideia surgiu depois dos alunos homossexuais reclamarem de nunca poderem participar do casamento. Não pode divulgar através de faixas ou panfletos, mas foi divulgado verbalmente, e foi um sucesso, só pelo fato de termos tido duas moças e dois rapazes se casando dentro de um colégio, foi algo revolucionário, ainda mais contando com uma direção nova com fortes laços com a religião evangélica. A festa aconteceu, mas as fotos com os dois casais não foram encontradas. Somente temos fotos do casal heterossexual antes da troca de casais. Estou articulando com os alunos à procura dessas fotos para arquivar no projeto de pesquisa.

Depois com a eleição do Grêmio Construção Coletiva, mais uma ação foi realizada, a Batalha de Rimas. Os alunos integrantes do grêmio são alunos participantes da UEDC (União dos Estudantes de Duque de Caxias) e da AERJ (Associação dos Estudantes do Rio de Janeiro), são alunos críticos, foram alunos atuantes nas ocupações das escolas em 2013, ou seja, bastante participativos politicamente. Com uma certa dificuldade no diálogo com a direção, o grêmio me procurou para articular junto a eles a Primeira Batalha de Rimas do Colégio. No primeiro momento aceitei, pedi que me explicassem o que era isso e, também fui pesquisar sobre o assunto. A princípio me apresentaram o nome da batalha como “Slam Resistência”, de primeira estranhei o nome, mas pesquisando, descobri que este nome, esta marca, foi criada na Praça Roosevelt em São Paulo após as ocupações das escolas. O Slam Resistência é uma forma de organização dos jovens de se manifestarem em forma de poesias. Quando me disseram que este tipo de organização, estava acontecendo nas praças de Caxias e, numa ao lado do Colégio, claro que quis trazer essa forma de organização deles, para dentro da escola. E foi assim, usando de uma tática conseguimos, há trancos e barrancos, organizar o Primeiro Slam Resistência – Primeira Batalha de Rimas do Colégio no dia 10/05/17, numa quarta-feira no turno da manhã. Não pude de deixar de observar como são organizados, mesmo dentro de toda uma “hiperatividade” eles se entendem. Mesmo sendo uma professora “popular”, tive dificuldade em entender alguns termos, eles possuem linguagem própria, ou seja, a sua cultura da rua. A batalha é organizada, cada slamer, poeta ou rapper tem até 3 minutos para declamar sua poesia para 04 jurados que dão notas de 0 a 10, a menor nota é descartada e as outras somadas para posteriormente serem comparadas com as notas dos outros poetas. Com eliminatórias, quartas de finais, semifinal e final, tudo muito bem organizado com direito ao som de um DJ que dá o tom da poesia. Nesse mesmo evento ainda pode ter a Batalha do Conhecimento, onde dois rappers disputam entre si improvisando cada um dentro de um minuto poesias escolhidas pelo público com assuntos específicos, negritude, violência, educação, saúde, religião e política. Ganha aquele que o público achar melhor através do grito ou do aplauso. Além disso o evento oferece serviços de Silk e Grafite, para o público e para o local, os integrantes levam os moldes e tintas e, o público leva sua camisa ou qualquer coisa que queira “silkar”, ou o espaço para grafitar. Maravilhoso de ver e de participar dessa energia que contagia. Percebi nesta primeira batalha um mundo de possibilidades que cada aluno poderia ser: verdadeiros artistas, pintores, compositores, poetas, grafiteiros, skatistas, empreendedores etc... São tantas as perspectivas que vi, que não pude deixar apenas na primeira versão...

Os alunos se organizaram e me convidaram para o 2ª Batalha de Rimas do Colégio Minas Gerais que aconteceu no dia 31/08/17 numa quinta-feira no turno da noite. Com relação a este evento preciso fazer algumas considerações:

- Como professora apoiadora da iniciativa de seus alunos perante a Batalha de Rimas, nenhum deles foram realizados no meu dia, tendo que comparecer fora de meu dia de trabalho para estar no evento (primeiro problema);

- Devido à repercussão do sucesso da 1ª Batalha, percebi um certo desconforto por parte de alguns membros da Comunidade Escolar e certos obstáculos para a segunda batalha, como falta de som, falta de comunicação para com os professores, falta de prêmio ao campeão por exemplo.

Percebi isso logo quando cheguei à escola, assistindo 05 alunos de outras unidades escolares e integrantes da UEDC e que estavam ali para ajudar na Batalha, estavam tentando jantar, mas ninguém sabia orientar, assisti a cena, imediatamente levei-os para o refeitório, foi quando descobri que não tinha mais comida, pedi para a merendeira parceira fritar alguns ovos, ali mesmo no refeitório jantamos todos juntos. Conversando com eles, descobri que dois deles estão ligados ao Movimento Correnteza da UFF, ficaram encantados por saberem que uma professora e mestrande da UFF está apoiando esse movimento de Batalhas de Rimas nessa escola em Caxias. Depois da janta, já fortalecidos, fomos então organizar o evento. Puxamos mesas e cadeiras para o pátio externo, fixamos a faixa, recolhemos papéis e canetas para os jurados, os quais foram convencidos por mim a participarem, pois, os membros da direção não conseguiram convencê-los. Quando os alunos pediram o som, surgiu o terceiro problema, o som estava trancado numa sala e a chave estava na casa de um funcionário o qual não se encontrava. Como assim? Essa foi a minha reação quando os alunos me disseram. Afinal, para um evento programado, ciente de que iríamos usar o som, era para este estar disponível. Mas vida que segue. Como realizar então??? Na garganta??? Pensei... e, nesse intervalo, uma aluna que faz parte do movimento estudantil e do grêmio dá a solução. Tenho um megafone professora!!! Mas será preciso comprar 06 pilhas grandes!!! Fui então à procura de algum estabelecimento à noite para comprar pilhas com recursos próprios. Ninguém da direção se prontificou a rachar... Depois de compradas as pilhas, começamos a Batalha que foi maravilhosa!!! Os professores quase que intimados pela minha pessoa, a se tornarem jurados, amaram o evento, entenderam a proposta da Batalha de Rimas. O marido de uma professora jurada, o qual a esperava levá-la para casa, também é professor,

só que da rede de Petrópolis, assistiu e adorou, disse antes de ir, que vai levar essa ideia para a cidade Petropolitana.

E desse jeito, a colmeia cresce, com suas abelhinhas pulverizando o mel da melhor qualidade...

Não posso deixar de relatar que como foram os alunos que organizaram sobre a questão do prêmio ao campeão, no caso campeã. Os alunos com dificuldades financeiras e sem apoio, o prêmio foi um desenho feito por uma aluna em lápis grafite do rosto de um rapper americano muito famoso. Sensibilizada por essa iniciativa, pela arte, pela organização e pela cumplicidade que existe entre eles, ofereci como prêmio também, o passeio que a escola fez à bienal à campeã, a qual queria muito ir, mas não tinha dinheiro para pagar e nem a direção se incumbiu do mesmo... detalhe cruel desse relato...

Alguns conflitos surgiram após a batalha, especulações por parte da direção de cunho religioso e moral foram feitos à minha pessoa e por isso achei conveniente me delegar ao SEPE e às outras associações como Educação Democrática, Professores Contra a Escola Sem Partido e ao MLB – Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas. Afinal como diz Freire, devemos ser mais sérios.... Se queremos mudar esta sociedade que aí está, devemos como professores ser mais sérios. Se depois disso tudo, chegamos a este ponto, ao ponto de incomodar, acredito que algo revolucionário está acontecendo debaixo de nossos narizes!!! Não posso permitir que isso acabe!!! Precisamos de ajuda!!!

E atenta a esse movimento dos jovens e eles em mim, fui convidada a participar do 3º Congresso dos Estudantes de Duque de Caxias, que aconteceu no dia 15/09/17 no CIEP 201 Aarão Steinbruch. Fiquei maravilhada pela forma de organização dos jovens, e pelo maravilhoso trabalho que a Direção junto com seus Professores realizam com seus alunos, um trabalho que estimula a criatividade, a criticidade, a igualdade e a liberdade, um trabalho visionário que deveria ser divulgado para as outras escolas. Logo que cheguei, vi de frente uma faixa FORA TEMER, outra sobre LGBT, sei que pode ser estranho para alguns leitores essa minha reação, já que deveria ser na escola, palco para a criticidade, mas na minha escola essas formas de expressões, são inadmissíveis de se terem!!! Chegando a ser algo natural para a maioria dos professores que lá trabalham. Entendem como foi revolucionário, a entrada do boné, do skate, da calça rasgada, do

casamento gay e da batalha de rimas na escola? Então vamos seguir pois a peteca não podemos deixar cair!!!

Como disse fui convidada a ir ao Congresso pelos meus colírios, os jovens, principalmente os de Caxias, a esta cidade reservarei um capítulo sobre sua história e lutas. Então foi a professora marginal adentrando num território desconhecido, afinal, não conhecia ninguém do 201. Logo que cheguei e vi os trabalhos revolucionários dos alunos nas paredes da escola, percebi que não era território inimigo, estava ali como uma marginal sim, mas como mais uma a somar, com meus pares, com meu povo. Devido à decoração despojada da sala de leitura, entrei curiosa para ver melhores os detalhes, e ali estavam dois senhores sentados com suas pastas, cada um em torno dos 80 anos. Me apresentei e nessa dinâmica descobri que os dois são ex presos políticos e que um deles é Presidente da ANAPAP – Associação Nacional dos Anistiados Políticos Aposentados e Pensionistas, outro capítulo certamente surgindo. Fiquei honrada, encantada, agradecida, só pensando no que aqueles dois passaram nessa vida por uma utopia. Conversamos e durante esse período descobri que foram da MR-8. Uma organização política de ideologia comunista que participou da luta armada contra a Ditadura Brasileira e tinha como principal objetivo a luta contra a repressão da ditadura, com o objetivo final de criação de uma pátria socialista.

Longe de quererem promover uma segunda luta armada, reconhecem os erros que cometeram no passado. Durante a nossa conversa, os dois se mostraram bastante preocupados com os jovens e, por isso eles estão em todos os eventos dos estudantes que os convidam. Tanto um quanto o outro participam de congressos e reuniões estudantis na intenção de orientar da melhor forma, nas várias organizações dos quais os jovens participam. Conversamos pouco, mas já estou pensando em marcar uma outra conversa na sede deles, os quais já disponibilizaram uma rádio, para o Movimento Estudantil de Caxias. Tanto eles, como eu e outras pessoas com certeza, afinal vivemos numa rede de saberes, vivências e conhecimentos, partilhamos da mesma preocupação. Deixando evidente nessa nossa conversa, o fato de que se não fizermos algo para ontem nossos jovens serão recrutados pelo tráfico, ou pelas forças armadas, principalmente pela polícia militar, pois o jovem principalmente pobre da periferia está sem perspectiva, estão tirando tudo deles, apontando apenas esses dois caminhos, um levando a violência à decadência do ser e, o outro à repressão do outro ser, principalmente para cima daqueles que os defendem, que somos nós!!! Esse movimento alimenta os mercados bélico e ao

narcotráfico, resultado desse sistema neoliberal do qual vivemos. Essa linha de pensamento já me passava pela cabeça, mas também vindo de dois anistiados políticos... é algo aterrorizador, muito mais complexo e cruel do que imaginamos. Precisamos pensar e agir, no que fazer com os nossos jovens, para que eles se libertem desse sistema que os reprimem, que os escravizam, que os condenam para sempre como marginais à prisão perpétua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2012.

DICHTCHEKENIAN, Nichan. **A fenomenologia em Martin Heidegger**. Disponível em: <https://youtu.be/UBL_HpNvJf8>. Acesso em 28/05/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. (Orgs.). 2015. **Pierre Bourdieu. Escritos em educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.